

12 NOV 1996

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Tão perto, de ti distante...

Tudo os une, quase nada os separa. Antônio Carlos Magalhães, o pai, e Luís Eduardo, o filho, formam uma das duplas mais interessantes, poderosas e, principalmente, míticas da República. O mito está ligado ao fato de que o presidente da Câmara ainda não conseguiu se livrar completamente da imagem de filho obediente daquele que hoje pleiteia a presidência do Senado, mas já ocupou por duas vezes o governo da Bahia, foi ministro das Comunicações e é a figura mais temida e respeitada da política.

Também por isso, as pessoas sempre supõem, não deve ser leve para Luís Eduardo o peso da filiação na atividade que escolheu.

É mesmo puro mito. Evidente que ninguém espera que combatam em campos opostos ou que um dê um passo que possa prejudicar a ação do outro. ACM, muito mais contudente e rebelde a respeito da avaliação do governo Fernando Henrique, polêmica cada gesto, cada palavra, cada intenção, sempre atento aos eventuais prejuízos que poderia causar às relações de Luís Eduardo com o presidente. Pelo que se nota naquela alma polêmica, vontade de falar mais alto não lhe falta.

Mas se contém, pois é o futuro do filho que está em jogo.

Que ninguém imagine, porém, que do outro lado do coração paterno não haja correspondência total e absoluta. O presidente da Câmara discorda — e muito — de ACM, mas também não produz um ato público que possa trazer dano ao pai. Nem que seja sentimental. A votação da CPMF foi um exemplo. Luís Eduardo foi contra o tempo todo e na última hora acabou trabalhando a favor por uma razão que tem duas versões.

Na oficial, fez o que fez porque Fernando Henrique lhe pediu. Mas, na paralela, corre a hipótese de que atendeu mesmo foi ao anseio não explícito do pai, um cliente do doutor Adib Jatene a quem faz questão de atribuir a própria sobrevivência.

Agora, nesta época tão conturbada de reeleição, disputa pela presidência da Câmara e do Senado, reforma ministerial e administração da oposição malufista, pai e filho são assaltados por convicções diferentes. Unem-se na ação, mas não raro divergem no pensamento. É uma divergência algo sutil que se manifesta na intimidade e pode ser percebida por quem os observa debatendo os temas políticos em questão.

Fica pouco claro se é por orgulho da independência do filho,

* pelo cansaço provocado pelo adiantado da hora, ou pela segurança de que a sabedoria e a experiência dos mais velhos se mostrará vitoriosa no final. O motivo pouco importa, o inusitado é a postura de ACM diante das opiniões contrárias de Luís Eduardo. Ele se cala, faz assim um muxoxo de “não sei, não, vamos ver” e deixa a palavra final com o filho.

Paulo Maluf, por exemplo. É considerado muito mais complicado — para FH — pelo pai do que pelo filho, cuja assertividade quando se trata de defender Fernando Henrique deixa os tucanões com jeito de oposição. Ele acha que FH será, se aprovada a reeleição, um candidato imbatível, pois a estabilidade é o que seduz o eleitorado.

ACM já pensa diferente. Concorde quanto ao fato de o atual presidente hoje ser, de longe, a melhor alternativa. Mas discorda da eficiência total e absoluta da inflação baixa numa campanha eleitoral. O senador acha que lá por 1998 as pessoas explicitarão novas expectativas às quais não tem absoluta certeza de que o atual governo poderá corresponder completamente.

Da mesma forma, não apostaria muito alto na resolução do assunto reeleição até fevereiro nem tem muita certeza de que se o caso não estiver resolvido até lá Fernando Henrique desiste do assunto. Já Luís Eduardo não apenas defende a tese, como chega um momento em que se recusa a discuti-la. Afinal, assegura, para o bem ou para o mal, a reeleição será votada em janeiro.

ACM ouve com um meio sorriso Luís Eduardo fazer um resumo breve do que foi sua atuação no comando da Câmara e não resiste à ironia, já nessa altura mostrando os dentes pequenos ligeiramente separados: “Depois dizem que eu é que sou autoritário. Eu sou muito tolerante.” Distante meio metro, Luís Eduardo devolve a provocação: “Uuuhhh!”, como quem diz, “e como!”

E assim seguem os dois, num bate-bola em que o filho defende a Câmara, sua rapidez e eficiência, e o pai garante o lado do Senado, uma casa de poucos conflitos e muitas soluções que ACM não titubeia um segundo em assegurar que vai presidir a partir de fevereiro próximo.

Vão adiante, sem alterar meio decibel o tom de voz. Ou melhor, se há alguém ali naquela conversa que defenda suas posições com ênfase — retratadas pelo balanço firme do cigarro na mão direita — é o presidente da Câmara. O senador queda-se recostado, falando de quando em vez num tom manemolente que — o interlocutor começa a desconfiar — deve tomar conta dele quando está assim, na Bahia, como gosta.

Aliás, adoram. É a Bahia o que mais os une e entusiasma à dissertação dos dados baianos: investimentos de R\$ 600 milhões em 1996, sem dívidas com os bancos, nenhum município novo em seis anos, gastos com funcionários limitados a 60% da receita, deputados estaduais sem mordomias e com salários dentro dos limites constitucionais, 13º em dia e menor índice de servidores por habitante. Eficiência já reconhecida por Antônio Kandir. Mas atribuída por Luís Eduardo não apenas ao governador Paulo Souto, mas principalmente “ao cabeça branca aqui”.

**Antônio Carlos
e Luís Eduardo
Magalhães
unem-se na
ação, mas não
raro divergem
no pensamento**